



## **A Comunicação em rede, o avanço do século XX e a produção para web em portais brasileiros<sup>1</sup>**

Bruno Mourão Paiva<sup>2</sup>

Graduando em Comunicação Social pela Faculdade Estácio de Sá- Juiz de Fora (MG)

### **Resumo:**

Com o objetivo de analisar a criação, a evolução e o avanço (espacial e qualitativo) da tecnologia de comunicação em rede, no final do século XX e início do século XXI, o presente trabalho pretende perceber como a tecnologia em rede se relaciona com noções sócio-políticas e econômicas da globalização, e a maneira como tais relações se mostram no conteúdo divulgado na rede mundial de computadores, bem como suas causas e implicações.

### **Palavras-chave**

Globalização; Sociologia; Tecnologias da Comunicação; Cibercomunicação

### **Contexto geopolítico da segunda metade do século XX**

O fim da II Guerra Mundial, em 1945, instaurou uma nova ordem mundial, esta baseada na existência de outras duas ordens ou doutrinas, a Capitalista e a Socialista. A vitória sobre o Hitler e seus aliados, entregou aos Aliados os mapas de uma Europa arrasada, uma América Latina conturbada, uma confusa Ásia e uma África pobre e sem perspectivas para futuras divisões e disputas de influência.

O globo terrestre, durante a metade final do século XX, viveu as conseqüências de uma divisão feitas entre o bloco socialista e o bloco capitalista. O Leste Europeu – incluindo a Alemanha oriental —, China e Cuba se tornaram importantes Estados do bloco socialista liderado pela União Soviética. Os Estados Unidos e a Europa Ocidental lideraram o bloco capitalista. Feita a divisão mundial, os dois grupos passaram a disputar a influência em países como Argentina, Brasil e México. A corrente historiográfica adotada, hoje, por grandes pesquisadores afirma que a integração do Ocidente ocorria não só graças a ideologias partidárias, mas também graças a golpes ditatoriais incentivados principalmente pelos EUA na América Latina. É sabido também

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no III Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, na sessão de Cibercultura e Tecnologias da Comunicação do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Intercom

<sup>2</sup> Bruno Mourão Paiva é graduando do 7º período do curso de Comunicação Social/ habilitação em Jornalismo, na Faculdade Estácio de Sá/ Juiz de Fora (MG), onde é bolsista da revista científica da mesma instituição. Suas áreas de pesquisa são: Jornalismo, Fotojornalismo, Cibercultura e Teorias da Comunicação.  
Contato:mouraopaiva@gmail.com



que os países da União Soviética seguiam a chamada “ditadura do proletariado” e que, passada a era socialista em tais países, este regime do povo se mostrou uma “ditadura de um só partido” – o comunista.

Edward McNall Burns escreveu em seu livro intitulado “História da Civilização Ocidental” que houve, durante parte do século XX, um declínio da fé no Capitalismo, declínio explicado pelo pensador como um momento de transição, como o que ocorreu entre a Idade Média e a Modernidade e na França setecentista. Segundo este autor, o declínio da fé no sistema ocorria mais em países como Índia e pelo Oriente Médio. “O declínio da fé no Capitalismo não é Universal, mas está difundido” (BURNS, 1970). Contudo, o autor não pôde prever o novo Capitalismo – o financeiro – que surgiria anos depois de sua colocação.

Aquele velho sistema capitalista da Revolução Industrial foi se tornando, durante o século XX, ultrapassado e insustentável como o regime comunista. A noção de acumulação de capital, de colonização e a concepção de mercado foram alteradas. Se Burns acreditava em uma transição do modo capitalista para um outro modo de produção, o que se viu na segunda metade do último século, foi uma modificação do próprio regime. Não se abandonou o Capitalismo por outro sistema como durante a transição do regime medieval para a Idade Moderna. O Capitalismo ganhou força e formato e estratégias novos para suplantar outros modelos de governo. A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas perdeu territórios, corridas tecnológicas e econômicas.

### **A globalização e o capitalismo**

Enfim, após o período de disputas territoriais e econômicas que foi o século XX, o que se detecta na geopolítica mundial de hoje é uma organização capitalista automatizada que age cada vez mais em uma escala global e multilateral. Vale ressaltar que o processo de globalização é resultado e ferramenta do novo capitalismo vigente no mundo ocidental atual, assim como o discurso multilateralista do comércio livre.

É importante salientar ainda que a teoria de uma globalização democrática e integralista é falha. As práticas protecionistas adotadas pela UE, EUA e Japão contradizem o discurso da liberação do mercado, sendo notoriamente contraditórias as possibilidades teóricas da constituição de um sistema competitivo global (MACHADO, 2003). Além dos estadunidenses, japoneses e europeus, a Austrália, o Canadá e alguns países da América Latina mantêm esta postura contraditória da geopolítica contemporânea.



O avanço nas telecomunicações foi fundamental para que o mundo alcançasse o estágio que alcançou. Satélites, cabos, fibra óptica e a evolução de transmissão de sinais pelo ar e comunicação em rede (Internet e intranets) são os resultados de desenvolvimento tecnológico financiado por grandes grupos cujo objetivo principal é abranger todo o globo.

### **A comunicação globalizante**

“Um dos aspectos mais salientes da comunicação no mundo moderno é que ela acontece numa escala cada vez mais global.” A afirmação de John B. Thompson, por muitos, é aceita. No entanto, antes da aceitação da afirmação do autor inglês, é necessário pensar o que é o “global” de fato. Não se pode restringir esta idéia, a de globalização, somente às relações que ocorrem em âmbito internacional. Para o mesmo autor, globalização é um conceito diferente de internacionalização ou transnacionalização.

Mas enquanto estas várias noções [internacionalização e transnacionalização] se referem a fenômenos que se conectam estreitamente, o processo de globalização, como será entendido aqui, envolve mais do que a expansão das atividades além das fronteiras de estados nacionais particulares. Globalização surge quando (a) atividades acontecem numa arena que é global ou quase isso (e não apenas regional, por exemplo); (b) atividades são organizadas, planejadas ou coordenadas numa escala global; e (c) atividades envolvem um grau de reciprocidade e interdependência, de modo a permitir que atividades locais situadas em diferentes partes do mundo sejam modeladas umas pelas outras. Só se pode falar de globalização neste sentido quando a crescente interconexão de diferentes regiões e lugares se torna sistemática e recíproca num certo grau, e somente quando o alcance da interconexão é efetivamente global. (THOMPSON, 2001:135)

Além deste tipo de relação mantida entre as atividades citadas por Thompson, o modo de transação do capital também mudou, assim como a tecnologia utilizada para tal e aquela empregada nos mais diferenciados ramos de produção financeira do mundo. Giovani Alves, em “La globalización (des)Controlada” de Jorge Alberto S. Machado, comenta:

O verdadeiro nome da globalização é mundialização do capital, um processo de desenvolvimento do capitalismo mundial que possui algumas características particulares e que não pode ser confundido com a expansão do mercado mundial ou de outras fases de desenvolvimento do capitalismo moderno. Ao dizermos mundialização do capital tratamos de um novo regime de acumulação



que se caracteriza pela predominância hegemônica do capital financeiro na dinâmica de acumulação de riqueza capitalista. (2003 apud ALVES; MACHADO, 2003:13)

Já Manuel Castells, em “A sociedade em rede”, trabalha a relação das mudanças sofridas pelo sistema capitalista com as evoluções dos aparatos tecnológicos de comunicação e a chamada “Revolução Informacional”. Castells comenta:

Embora o modo capitalista de produção seja caracterizado por sua expansão contínua, sempre tentando superar limites temporais e espaciais, foi apenas no final do século XX que a economia mundial conseguiu tornar-se verdadeiramente global com base na nova infra-estrutura, propiciada pelas tecnologias de informação e comunicação. Essa globalidade envolve os principais processos e elementos do sistema econômico. (...) As novas tecnologias permitem que o capital seja transportado de um lado para outro entre economias em curtíssimo prazo, de forma que o capital e, portanto, poupança e investimentos, estão interconectados em todo mundo, de bancos a fundos de pensão, bolsa de valores e câmbio. Uma vez que as moedas são interdependentes, as economias de todas as partes também o são. Embora os principais centros empresariais forneçam recursos humanos e instalações necessárias para gerenciar uma rede financeira cada vez mais complexa, é nas redes de informação que conectam esses centros que as verdadeiras operações de capital ocorrem. Os fluxos de capital tornam-se globais e, ao mesmo tempo, cada vez mais autônomos *vis-à-vis* o desempenho real das economias. (CASTELLS, 2000)

O livro de Castells anteriormente citado comenta da Revolução Informacional – a partir das revoluções tecnológicas do século XX no meio da informação, entre elas, destaca-se a Internet –, um “acontecimento” capaz de dar impulso ao capitalismo para ele se tornar “global”, para que haja uma economia informacional. Essa nova economia teve que se adaptar e mostrar mobilidade e para alcançar seu objetivo, as empresas de informação e as novidades tecnológicas formam a solução de companhias que entraram nos mercados organizados em redes. Em 1980, a porcentagem em ações internacionalizadas de PIBs de países importantes não chegava a 10%. Em 1992, a pesquisa apresentou os seguintes dados: 72,2% do PIB do Japão, 122,2% do PIB francês e 109,3% do PIB estadunidense se encontravam “relacionados” com este tipo de ações (1994:209 apud CHESNAIS; CASTELLS, 2000:138)

Para que seja feita a conexão entre a criação e posterior evolução da rede mundial de computadores e da globalização toma-se, como base, todos os conceitos descritos e define-se tal processo como as alterações na maneira que a Economia dos estados nacionais era tratada após o fim da Guerra Fria. O mundo ocidental passou a trabalhar, impulsionado por avanços nas telecomunicações, com uma visão cada vez



mais global/ internacionalizada. O capitalismo financeiro se impôs e a indústria da informação e do entretenimento ganhou impulso neste momento. Hoje, a globalização sofre alterações e ainda é encarada de diferentes formas. Nos Estados Unidos da década de 70, surgiu a tecnologia que de localizada, se expandiu para o mundo se tornando, para alguns, ubíqua e indispensável. Segundo Castells:

Em outras palavras, a primeira em Revolução da Tecnologia da Informação aconteceu nos Estados Unidos e até certo ponto, na Califórnia nos anos 70, baseando-se nos progressos alcançados nas duas décadas anteriores e sob a influência de vários fatores institucionais, econômicos e culturais. Mas não se originou de qualquer necessidade preestabelecida. Foi mais o resultado de indução tecnológica que de determinação sociais (CASTELLS, 2000,p.82-92)

Para o autor, a característica “informacional” surge graças à capacidade de gerar, processar e aplicar o conhecimento de forma eficiente. A sua característica global, se liga às novas condições econômicas e históricas de produtividade e concorrência que passam a existir após a década de 1970 nos Estados Unidos, principalmente. É nova possibilidade de acesso à informação que capacita o globo de aplicar seus conhecimentos sobre a economia que se torna, aos poucos, global e informacional.

### **Web: história e atualidade**

Em 1969, a ARPA (Agência de Projetos de Pesquisas Avançadas do Departamento de Defesa norte-americano) instalou a rede de comunicação eletrônica que, mais tarde se tornou a Internet; no início da década de 1970, a fibra óptica já era produzida e comercializada em larga escala; 1971 foi o ano da invenção do microprocessador; em 1973, desenvolveram-se os estudos em Palo Alto pela Xerox Alto matriz de muitas tecnologias de *softwares* para PCs; em 1974 foi inventado o protocolo de interconexão em rede que favoreceu a conexão de diferentes tipos de redes; 1975 foi criado o microcomputador e em 1977 foi lançado o Apple II. Inicialmente destinada a universidades, a órgão de defesa e institutos de pesquisa, a Arpanet (1969) se limitava ao compartilhamento de informações entre estes nós das redes e sua máxima diferença era oferecer ao seu usuário a capacidade de desligar seu computador e depois, ao religá-lo, poder acessar as mesmas informações anteriormente utilizadas.

Inicialmente voltada para fins defensivos, posteriormente a tecnologia de comunicação em rede foi se tornando mais aberta a outros usuários. Primeiramente, foram grandes universidades do hemisfério Norte. Depois, já na última década do século



passado, o público começou a ter acesso à rede. As noções de World Wide Web, site, e-mail e ciberespaço começaram a ser absorvidas aos poucos por seu público-usuário e por seus estudiosos e, graças à contínua evolução, ainda é tema de estudo –como prova, o presente texto.

Contudo, o discurso de quem “vende” a Internet é parecido com o de quem vende a idéia dos mercados livres. Ambas utilizam o discurso de igualdade de direitos e deveres para todos, mas não o cumpre. A realidade virtual confeccionada pela globalização em sua dimensão ideológica se difere da realidade cotidiana. É difundida uma imagem de qualidade de vida crescente juntamente com outros valores e modos de vida sempre ligados a um futuro otimista. O que percebemos em grandes meios de comunicação é um simulacro de um bem estar de vida, lembrando a política do *welfare state*. É sempre algo muito próximo do receptor em que as disparidades do mundo real e daquelas ditadas pela aldeia global se transformam em uma fácil ponte para desejos universais.

A projeção deste bem-estar alcançável passa a se converter em uma necessidade primordial de uma sociedade ultracompetitiva e desigual. Frente às evidentes contradições, mantém-se inaudível para a manutenção da coesão e o consenso social da simulação desta utopia (1990 apud BRAUDILAR; MACHADO, 2003:133).

Outra contradição do mundo contemporâneo presente na internet (ou vice-versa) é a excessiva concentração de grandes conglomerados empresariais, como o grupo TIME/Warner AOL, que acabam também reforçando o modo de viver “universal” já disseminado nos *mass media*.

Agora, utilizando as grandes companhias da informação, contudo, um discurso de proximidade, de atemporalidade e de ubiqüidade. No entanto, o usuário-comum pouco tem acesso a todo conteúdo da Internet. Os poucos usuários de países em desenvolvimento acabam fazendo “que o Norte parecesse como o horizonte desejado pelos cidadãos de Terceiro Mundo que estão sendo constantemente bombardeados com mensagens massivas pensa por e para os norte-ocidentais” (1997 apud SÁNCHEZ; MACHADO, 2003:134).

Pode-se dizer que o estrondoso desenvolvimento da tecnologia de informação, ou “Revolução Informacional”, transformou setores da economia e da cultura. Para Machado, o avanço dos sistemas de comunicação traz consigo a homogeneização cultural e contribuiu significativamente para a estandarização dos hábitos de consumo e a formação de novas instituições e valores.



“A expansão dos modernos meios de comunicação, como Internet e as transmissões televisivas via satélite, trazem, de forma desproporcionada, os ideais, opiniões e valores do Norte para o Sul. Isto causa graduais e profundas transformações em seus receptores” (MACHADO, 2003).

### **Um breve estudo de portais brasileiros**

Para uma melhor compreensão do conteúdo da internet atualmente produzido, foram estudados, para o presente artigo, alguns portais brasileiros – IG, UOL, Terra. A metodologia adotada focou-se em duas vertentes: a primeira, relaciona-se com os serviços prestados pelos portais e a segunda, com o conteúdo que estes apresentaram entre os dias 22 de outubro de 2006 a 25 de outubro de 2006 – um final de semana e dias úteis. Tais datas foram escolhidas a partir de uma hipótese levantada: a de que o conteúdo produzido, nos finais de semana, se diferencia daquele que circula durante dias úteis, *v.g.*, notícias de esporte se apresentam em maior número aos sábados e domingos do que nas terças-feiras. Hipótese comprovada com o exemplo do portal Terra que no domingo, dia 22 de outubro, possuía cinco notícias esportivas, enquanto na segunda possuía apenas duas.

Entre a prestação de serviços, percebeu-se que os portais apresentam os mesmos serviços, com exceção das ferramentas de Antivírus –em alguns sites disponíveis somente para assinantes – , Enquetes – apresentada somente pelo Terra – e *webTV* .

A temática de suas páginas inicial também se mostrou parecidas: uma ou duas chamadas de notícias para matérias referentes à política, acontecimentos internacionais e fotos, em sua maioria, de “flagras” e oriundas de agências internacionais de notícias (especialmente a AP, France Express e Reuters). Outros pontos comuns aos portais estudados foram a presença de um espaço para temas chocantes como assaltos e atos violentos, chats, links para ensaios sensuais, para sites de vendas, blogs e fotologs e entretenimento.

A estrutura e a estética também seguem esta linha de “coincidência”. As cores e as logomarcas apresentadas podem ser adjetivadas de universais ou então se apresentam em formato de siglas de fácil tradução, *v.g.*, Terra, IG e UOL.

É de suma importância traduzir os resultados obtidos neste breve estudo. Apesar do meio de comunicação ser tachado de pluralista, por que sites conhecidos se apresentam com máscaras estruturais tão parecidas? Se a resposta for relacionada ao





público-alvo destes portais, outro questionamento é feito: Então, por que motivo não buscar surpreender este público? Talvez, a razão de tais perguntas, ainda sem resposta para o autor deste artigo, esteja na juventude do meio, principalmente em países do hemisfério Sul, onde a internet ainda não é realidade para maioria da população, e sim para um grupo cujos anseios sejam suprimidos exatamente pelo conteúdo divulgado na rede brasileira.

É importante observar, que em 2002, menos de 10% das pessoas dos países subdesenvolvidos possuíam ou tinham acesso à Internet, e 15% possuíam correio eletrônico, menos de 6% dos lugares tinham portais e menos de 1,5% estava conectado à rede. Na África, a quantidade de servidores representa 0,1% do mundial, na maioria dos países não chega a 12.000 o número de usuários de Internet, onde há menos de 2 linhas telefônicas por cada cem habitantes (contra os 80 por 100 na Europa), sendo a conexão com a rede praticamente impossível fora das capitais. (MACHADO, 2003)

Mesmo possuindo número baixo de pessoas conectadas à rede mundial de computadores, é possível citar eventos recentes em que a tecnologia virtual se fez presente e indispensável para suas divulgações. A Invasão do Iraque, a morte de Arafat, a morte de João Paulo II, são exemplos. Em todos estes casos, o que se viu nos portais de notícia brasileiros analisados foi a “versão oficial” dos fatos. Não se leu em tais portais a respeito das diferentes correntes na Igreja ou sobre a versão de Hussein sobre a invasão norte-americana no Iraque, o que confirma a tese de que a Internet é, em parte, moldada pelo pensamento ocidental globalizado – “o pensamento oficial”.





### Quadro retirado do livro *La Globalización (des)controlada* Linhas telefônicas e (“PCs”) por 1 000 Habitantes – países selecionados

País	Líneas tel. p/ 1000 hab. (2)	PCs p/ 1000 hab.	Dominios en la red
EEUU	993	459	2.251.445
Canadá	881	330	1.814.505
Francia	943	208	983.450
Alemania	874	305	1.916.512
Reino Unido	1037	263	2.080.906
Finlandia	1203	349	703.958
Australia	862	412	1.311.492
Japón	1007	231	3.413.281
Italia	991	173	1.574.380
España	730	145	538.540
Brasil	238	30	662.910
Fed. Rusa	220	41	260.373
México	192	47	495.747
China	120	9	71.769
Filipinas	77	15	16.694
Indonesia	40	8	21.144
India	28	3	32.991
Paquistán	24	4	5.487
Uganda	5	1	159
Guinea	9	3	1
Sudan	6	2	0

#### Conclusão

A Internet mantém-se rumo ao alcance físico global. Se a televisão foi, durante o século XX, o grande veículo de massa formador de opinião, a rede mundial de computadores causa, hoje, muito mais fascínio sobre seus usuários; este fascínio pode ser um grande problema se considerarmos o receptor das mensagens virtuais como um receptor passivo. O fato é que é necessário estudar o impacto desta nova mídia que surge e se altera todos os dias, pois em breve, ela pode se tornar um instrumento de grande conglomerados capitalistas do hemisfério Norte, ganhando, quiçá, características de *mass media*.

A ubiquidade dos *mass media* nos leva prontamente à crença, quase mágica, em seu enorme poder. Mas existe outra base, talvez mais realista, para esta ampla preocupação com o papel social dos *mass media*. Referimo-nos aos diversos tipos de controle social que poderosos grupos de poder, entre os quais o mundo do negócio organizado (*organized bussiness*) ocupa a posição de maior destaque, vêm adotando técnicas para manipular o público de massa (*mass public*) pela propaganda, ao invés de empregar métodos mais diretos de controle. (MERTON e LAZARFELD, In.: *Teorias da Cultura de Massa*, 2000)



Portanto, mesmo ainda não sendo global de fato, a Internet cresce com um discurso duplo, ora se mostrando como um veículo de massa, com conteúdos “oficiais” e iguais/ próximos, ora se apresentando como uma proposta pluralista, alternativa e universalizante. Seu avanço territorial tende a vender este discurso democrático, mas é perceptível que a disputa pela participação econômica de grandes conglomerados, de comunicação ou não, é forte e influente na e-produção, isto é, no material produzido para/ na web, afinal, se o meio em questão se propõe a atingir todos os lares, prometendo um discurso diferente para cada receptor, cria-se uma, contraditória, massa pluralista e individualizada.



### **Bibliografia**

ARMAND e MATTERLART Michèle. História das teorias da comunicação; 6ª ed., São Paulo: Edições Loyola, 2003.p.157- 187

BURKE, Peter, BRIGGS, Asa; Uma história Social da Mídia; 2ªed.,Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002

BURNS, Edward McNall. História da Civilização Ocidental. 8ª ed., Porto Alegre: Editora Globo, 1970 p.9963- 1012

CASTELLS, Manuel; Sociedade em Rede; 4ªed.,São Paulo:Paz e Terra, 2000

HOBBSBAWN, Eric; A Era dos Extremos;2ªed.,São Paulo: Companhia das Letras:2005

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. Ciência e conhecimento Científico. In: Fundamentos de metodologia científica. 3ed., São Paulo: Atlas, 1991. p.75 – 82

MACHADO, Jorge Silva; La Globalización (des) Controlada Crisis Globales Desajustes Económicos e Impactos Locales; São Paulo: Umbru, 2003

MACHADO, Jorge Silva; "O Ciberespaço como Arquitetura da Liberdade – Tentativas de Territorialização e Controle da Rede", in *Dialética do Ciberespaço – Trabalho, Tecnologia e Política no Capitalismo Global*, Alves, Giovanni; Martinez, Vinicio (orgs.), Ed. Praxis, 2003.

MERTON, Robert K. e LAZARSELD, Paul F..Comunicação de massa, gosto popular e organização da ação social. In.: Teorias da Cultura de Massa.5ªed., São Paulo: Paz e Terra, 2000.p.103-131

THOMPSON, John B. A mídia e a modernidade 3ª ed., Petrópolis: Vozes,2001.p.135- 159

